

**Escrevitências**  
**Pretopo-éticas**

# Escrevitências Pretopo-éticas

Nina Caetano e Márcia Sousa [orgs.]

Quando começamos a imaginar este dossiê, buscamos, em operações ligeiramente desobedientes, matérias coladas à vida. Queríamos deixar escapar, pelas frestas da branca academia, escrevitências pretopo-éticas que pudessem, em meio aos artigos normas e qualis, exalar as múltiplas existências de mulheres pretas. Desejávamos colocar em ação formas imagens palavras e sons que pudessem gerar desvios pulsantes de pele melanina no rígido território das escritas permitidas em periódicos científicos da área.

Para isso, nos aventuramos a trazer para o corpo rígido dos saberes dominantes, escrivipotências pretas feitas de corpovida, escolhas que se enveredaram, assim, por duas trilhas: de um lado, a feitura poética em letra e música de mulheres interioranas, rasgos de [re]existência preta em meio às tradicionais montanhas mineiras. De outro, as crônicas vidas de mulheres sobreviventes, que encontram na palavra a possibilidade de escrever liberdade.

Na falta de saber como apresentá-las – como seria possível dizer do que em si já fala?

– vamos dar passagem, para que elas mesmas se apresentem.

# A Promessa

(Luiza da Iola)<sup>1</sup>

Promete que vai ficar comigo,  
amar,  
cuidar, nos tempos bons ou na adversidade,  
na saúde,  
na doença,  
na riqueza,  
na pobreza,  
na alegria,  
na tristeza,  
mesmo que por muitas vezes eu traia esse amor que lhe tenho,  
amando mais outra pessoa que a você?  
Mesmo quando estiver confusa,  
desiludida,  
a ponto de desistir,  
por causa de um coração partido,  
fica comigo ,  
não desista de mim?  
Promete que esse amor, vai ser eterno,  
e acompanhará meu último suspiro.  
Promete não esquecer que nessa sua vida inteira mesmo, com seus defeitos,  
manias e algumas qualidades, que nunca ninguém lhe amou mais que eu.  
Se fizer essa promessa,  
quando toda essa aventura aqui terminar,  
prometo lhe levar comigo, para onde quer que eu vá,  
estará presa a mim no corpo,  
e na alma,  
além da eternidade.  
Ela olhou fixamente no fundo dos seus olhos, viu seu reflexo no lugar das  
pupilas, com olhos cheios de lágrimas,  
frente ao espelho,  
onde via sua própria imagem.  
E respondeu com voz trêmula:  
  
- Prometo!

1- Luiza da Iola é afromineira, interiorana, natural de Carmópolis de Minas. Rainha Perpétua de Nossa Senhora do Rosário, guardiã da memória ancestral, normalista, cantautora, artista, arte-educadora, pesquisadora, contadora de histórias, produtora e mobilizadora cultural. Idealizadora do movimento artístico sociocultural #NOSTEMOSUMSONHO que lançou em 2016 a canção manifesto #deixaoreviver, em sensibilização e conscientização ao extermínio de jovens negros. Através da sua arte propõe promover a cultura do afeto e o resgate de memórias ancestrais individuais e coletivas.

Mas eu voltei

(Luiza da Iola)

Mas eu voltei meu bem  
Voltei pra casa  
E dessa vez meu bem  
Vim pra ficar

Desculpe meu amor voltei sem nada  
É que gastei todos os bens  
Lá fora, com outra coisa, outra  
pessoa,  
Mas eu voltei

E juro ser fiel ao nosso encontro  
Amar-te e respeitar-te  
Até o fim  
Na saúde, na doença  
Na alegria ou tristeza  
Na riqueza ou pobreza  
Até o fim

Voltei pra casa  
Voltei pra mim  
Voltei pra casa  
Eu voltei  
a morar em mim

Link para escuta: <https://youtu.be/aCsiCFBVfaI>

# Na saga das Evaristo (Nívea Sabino)<sup>2</sup>

a força que pisa aqui  
a força que eu vim mostrar  
não passa por uma só  
perpassa as minhas ancestrais

de um tanto  
e só  
nem um canto  
de dó

são muitas vozes  
para ecoar congado  
são muitas vozes  
nesta marujada  
são muitas vozes  
neste nosso soul  
deixa eu te funk mostrar  
deixa eu sambar  
revidar o estrago

Evaristo grita através da escrita  
e nos convida a revidar

não repita a história que te assassina  
não aceite a sina

Siga!

beba na fonte  
erga a frente

Negra: afronte!

Link para escuta: <https://open.spotify.com/track/2y8Igt1EnSTyqW2Nss2s>

2- Poeta-slammer, ativista e educadora social. Autora de *Interiorana*, Nívea Sabino é graduada em Comunicação Social e possui uma importante trajetória de ativismo poético no que tange o enfrentamento ao racismo, à lesbofobia, ao sexismo e outras formas de opressão, através da palavra, pelos saraus de periferias. É uma das articuladoras da RodaBH de Poesia e mulher pioneira nas competições de Poesia Falada – Slam's, em Minas Gerais. É membra fundadora da Academia Nova-limense de Letras - cadeira n.º 1, Patrono Adão Ventura. Em 2019 foi co-curadora do Festival Literário Internacional de Belo Horizonte, com a temática #NarrativasVivas, e este ano foi jurada do Prêmio Jabuti 2020 na categoria "Poesia".

# Sobre os solos férteis da igualdade

(Nivea Sabino)

Ainda persiste o olhar  
que a mim difere  
que profundo fere  
que segregar prefere  
por questão de tom  
de cor  
de pele

Depois de escravizar  
de pseudo-libertar e  
desqualificar  
do meu cabelo à minha crença  
no meu orixá

Vejo surgir um cortejo  
feito Marujada que passa  
um canto  
um coro  
um real esforço  
para se reparar  
o que não se repara

Reflexos de uma história  
que por nós  
enfim  
começa a ser contada

O negro resiste  
no saciar da sede  
que mata na seiva  
das próprias raízes

Um fazer plantar  
fulô  
dignidade  
através da dança  
na luta  
germinadas ao suor  
que escorre da bruta labuta

Buscando  
no seu penoso caminhar  
experimentar do sabor da fruta  
da polpa  
do paladar  
do direito pleno às oportunidades  
sobre os solos férteis da igualdade

Link para escuta: <https://open.spotify.com/track/3aCDVjQos1oVtVXqQH4qYJ>

# Nos braços de Oyá

(Nívea Sabino)

No chão  
de terras que andei  
difícil foi plantar dendê  
plantei,  
vim quilombar o seu rolê  
dizer que eu não desanimei  
nos braços de Oyá deitei  
adormeci  
e acordei mais eu  
rainha feito minha mãinha  
sozinha é quem não tem suas guias  
me encantei, quando ao sorrir  
te desarme

Link para escuta: <https://open.spotify.com/track/5DOowNA7vMdOxQnVvpWKav>

Coordenado pela mestra e doutoranda em Educação pela PUC-Rio Vanusa Maria de Melo, o projeto Escrevivendo a Liberdade, vinculado ao projeto de Extensão "Do cárcere à universidade", da Faculdade de Educação da UERJ, sob coordenação da professora Socorro Calháu, atua na formação de leitores e escritores em espaços de privação de liberdade, desenvolvendo oficinas e rodas de leitura, além de fazer publicações de autoras e autores participantes do projeto em redes sociais e livretos. Também estimula a produção acadêmica sobre o tema da leitura literária no cárcere e nas periferias. As autoras aqui apresentadas são interlocutoras nas andanças pelo país, em defesa do direito à literatura dentro do contexto prisional.

Joyce Gravano é mãe do João Gabriel, pedagoga, CEO do Espaço de Aprendizagem, co-fundadora do Frente Favela Brasil e do Coletivo de Acolhimento à Mulher Negra Luiza Mahin, além de articuladora pedagógica do coletivo Eu sou Eu e coordenadora pedagógica do projeto Educação que liberta.

Bárbara Mariano é mãe, avó, graduanda em Jornalismo, integrante da Associação EuSouEu - A Ferrugem, coordenando a comunicação da associação, atua na defesa dos Direitos Humanos. Sobrevivente!

Nascida em Arapongas, Paraná, Batia Jello Shinzato é mulher negra, mãe, sacerdotisa do culto candomblé atuante em seu terreiro. Batia também é pesquisadora do impacto psicossocial que atinge aos presos e familiares pela PUC-MG/UFMG. Em sua luta em torno das pautas prisionais, direitos das mulheres, preservação e valorização da cultura negra, Batia conecta-se com a Agenda Nacional pelo Desencarceramento e a Frente Estadual pelo Desencarceramento de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o coletivo de Mulheres de Asé do Brasil, Amparar - Associação de Familiares e Amigos de Presos/as, além de ser uma das idealizadoras de uma rede organizada e inteiramente voltada para mulheres egressas e sobreviventes ao cárcere, a "Por Nós".

# Liberdade ainda que tardia

[Joyce Gravano]

Desde o momento em que se entra no cárcere, todos sonham com o dia da saída. Sonha e almeja a volta para casa, o retorno ao seio familiar e a reconstrução de uma vida "normal".

O meu dia da saída foi sonhado e idealizado, assim como de cada mulher que esteve ou está em privação de liberdade, e ele, o meu dia, começou como mais um dia comum. Eu disse comum? Impossível, nada é comum em um lugar que tem quarenta mulheres juntas em condições insalubres onde só caberiam vinte, sem auxílio do estado, marginalizadas pela sociedade e na maioria dos casos abandonadas pelas famílias. Felizmente, esse não era o meu caso. Apesar de não ter havido tempo para visitas, recebia muitas cartas, livros e sabia que a minha família estava aqui fora me apoiando e buscando todas as formas de estar comigo outra vez.

Mas voltemos ao dia da minha saída. Eu tinha acabado de ser transferida de presídio e ainda estava me adaptando ao novo espaço com uma cela maior, mas também com muito mais mulheres. Consegui dividir uma comarca com uma conhecida do presídio anterior, uma comarca no alto, grande luxo nesse espaço. É bom informar a que me lê o que é uma comarca. Você sabe o que é? É algo como um beliche, só que de cimento e sem colchão. Me mantive lá por toda manhã, primeiro lendo as cartas da minha mãe e da minha irmã, o papel, de tanta lágrima e toque, já estava a ponto de rasgar. Depois, depois li um livro conseguido com dificuldade na biblioteca.

Em um determinado momento - e não sei precisar a hora-, ouvi a guarda chamar meu nome. Respondi com o sobrenome completo, como é o obrigatório e hoje mesmo depois de quase nove anos, se fechar meus olhos, consigo voltar àquele sábado de Abril e ouvi-la dizer: "Presa, arruma suas coisas que você vai embora para casa". A mistura de alívio, ansiedade e alegria se juntaram aos gritos das outras mulheres me felicitando, cada mulher que se livra do inferno é motivo de comemoração e certeza que logo será a sua vez.

Não tive forças para descer da comarca e fui ajudada por outra companheira, deixei pra trás tudo que pudesse ser útil às outras mulheres, peguei minhas cartas e fotos, me despedi, agradei por tudo e atravessei aquelas grades. Pela última vez, ouvi o barulho do cadeado fechando, não olhei para trás, queria esquecer toda dor física e emocional que vivi naquele lugar. Ilusão minha, a dor é eterna, seguirá comigo até o fim.

Tirei o uniforme e comecei a me sentir mais que um número ou artigo do código penal, vesti as minhas antigas roupas e me senti estranha nelas, faziam parte do guarda roupa de alguém que não existia mais, passei por todo rito de saída e olhei para o céu, depois de longos 70 dias via o sol sem grades pela primeira vez;

Seria - e foi - uma longa jornada para me reconstruir, mas longe dali e perto dos meus tudo seria melhor, menos pesado, eu tinha certeza.

Esse texto, que muito tem de mim e de minhas lembranças é parte da minha busca por humanizar um espaço sempre tão apartado de humanidade. E que ele encontre outros olhares que também o busquem. Um dia de cada vez.

# O dia da liberdade

## [Bárbara Mariano]

Havia alguns meses que eu gozava da minha semiliberdade, era um período muito conturbado, meu corpo não conseguia mais compreender se estava preso ou solto. Quando achava que poderia ficar em casa com minha família, eu tinha que voltar pra cadeia e diariamente, às 5:15h da manhã, estávamos de pé na unidade para estar na rua às 6h, era uma rotina insana.

Eu já sabia que a qualquer momento chegaria a conselheira da condicional, pois acompanhava meu processo pela internet e já tinha visto que "bateu DPCE" [fase final do processo, o Cumpra-se], mesmo assim ia todos os dias cumprir meu expediente no trabalho. Em 4 de julho de 2008, quando faxinava o banheiro do meu setor de trabalho – sim com as duas mãos na luva, esfregando latrina –, meu supervisor atendeu o telefone e me passou a notícia de que eu estava liberada para assinar meu benefício que havia chegado à unidade em que eu cumpria pena. Chorei do km 32 até o presídio. Eu estava na rua, voltando para a cadeia, mas para me ver livre da prisão.

Quando cheguei foi um misto de sensações, a cadeia "balançou" [gritos de alegria pela liberdade], eu ria e chorava, meu corpo tremia inteiro. Não havia bolsas para levar, somente meu traje de LC [livramento condicional] um bom salto alto e um vestido lindo que escolhi especialmente para a ocasião. Essas coisas só faz quem está de TEM [Trabalho Extra Muros] e sonha com o dia que não precisa mais voltar para a cadeia.

Depois de cumprir os trâmites com a conselheira e me despedir das poucas companheiras que estavam trabalhando naquele dia, segui aos prantos pela Estrada Gal. Emílio Maurel Filho até a Avenida Brasil.

Dividi com minha sogra e a mãe dela a alegria de dizer: "Não preciso mais voltar para aquele lugar!"

Quando minha filha, que estava na escola na hora em que cheguei, entrou, disse para ela: "Acabou! Eu não preciso voltar mais pra lá!" Nos abraçamos e choramos, e foi ali, naqueles bracinhos que me senti plenamente livre.

Parecia que eu era uma morta que retornava à vida. Minha casa não era a mesma, eu não era a mesma, minha família, por mais que me quisesse por perto, não estava mais acostumada a conviver comigo. Sentia-me como um zumbi, retornando do mundo dos mortos para me colocar de novo no mundo dos vivos, o que me mantinha de pé era olhar para a minha filha e pensar que valia a pena enfrentar aquilo tudo para tentar ser a mãe dela mais uma vez.

# INEXPLICÁVEL RENASCER

(Batia Jello, Iyalorixa Sandide)

quem poderá descrever  
o universo complexo de um ser  
suave como o sol de primavera  
mas feroz como a primitiva fera

Tudo começou em um típico dia de verão, em 6 de dezembro de 2007, quando levaram minha irmã e minha sobrinha pra delegacia do Aeroporto Internacional de Guarulhos e depois pra PFC, Primeira Penitenciária Feminina da Capital. Ambas presas em flagrante, sentenciadas dentro da Operação Barroco. Não muito tempo depois, em 11 de Janeiro de 2008, um novo susto, dessa vez numa manhã de dia cinzento e céu nublado. A polícia federal bateu em minha casa e então fui eu levada pra mesma delegacia no aeroporto de Guarulhos, onde permaneci até as 21h. Só naquela hora entendi que fui levada pelo flagrante da minha irmã e então me levaram até a superintendência da Lapa. Lá eu permaneci até dois meses depois, quando retornei à PFC, não mais como visita, como me aconteceu duas semanas após a prisão de duas das mais importantes mulheres de minha vida, mas sim como reeducanda.

quem poderá entender  
a magia que envolve esse ser  
rebeldia do amanhecer  
calmaria de um barco no cais  
sagrado e profano  
com o mesmo poder  
fantasia santidade e prazer

Na vida real e do ponto de vista do que acontece do lado de fora dos muros, a história, essa minha história, começou de muito antes: mãe de seis filhos, sacerdotisa dentro do candomblé e dirigente de uma casa de santo. Desde cedo inquieta com as injustiças sociais que afetam principalmente o povo preto da periferia, ainda mais por observar e viver essas realidades de dentro, de muito perto. Me vi forçada a deixar muito dessa bagagem pessoal em segundo plano pela forma como a cadeia e o Estado fazem com que ali dentro você se anule e deixe de ser o que se é enquanto ser único, te resumindo a um número e uma pilha de papéis que serão sempre julgados por terceiros.

quem poderá decifrar  
a ternura que traz no olhar  
o feitigo pra iluminar  
malícia espalhada no ar  
guerra em paz sem anunciar  
desejo e carinho no mesmo olhar

Do lado de dentro a realidade é outra. Estar ali é morrer e renascer todos os dias e a maldade do homem consome como espinho nossa própria carne. Depois que você entende que a cadeia funciona de um jeito muito próprio, com suas regras e lógicas cheias de todas as opressões possíveis de serem praticadas pelo Estado, é quando você percebe tudo o que ao seu ver deve ser combatido. O dia a dia duro lá dentro te leva a entender que a cadeia, sistema na forma que ele existe, não é pensado para reeducar e para comportar quem quer que seja em condições de humanidade mínimas. Muito pelo contrário, você entende que ele é pensado para combater e violentar das mais variadas formas corpos já bem marcados: corpos pretos e pobres em sua maioria. Isso se torna ainda pior quando se pensa nos corpos femininos, já que com esses uma diversidade grande de violências e opressões são naturalizadas diariamente pela sociedade comum aos olhos de quem queira ver. E com o tempo, é diante dessa realidade cercada de opressão por todos os lados que a tomada de consciência do lugar que você ocupa socialmente te leva a entender que toda prisão é política, e sim, é propositalmente pensada para ser assim. É preso político o corpo da mulher, do negro e do periférico.

talhada à mão colorida  
colorida à aquarela  
criatura máxima do criador

Formas de conexão com o divino passaram então a ser como respiros para resistir e ter forças para também se conectar com as outras que estavam ali, semelhantes e ao mesmo tempo tão distintas, mas tendo como elo em comum a chama viva da fé, do amor e da paciência, que eram ferramentas para se estar junto e partilhar dessas conexões com Deus. Essas conexões umas com as outras e com o divino foram alternativas à loucura que surgia em reflexo do silêncio, que te levava a conviver com as verdades do próprio eu no seu melhor e no seu pior. A força veio e vem do resistir para existir, umas pelas outras, em nós e por nós, se não o tempo faria com que nós, como crias dessa política de Estado, acabássemos matando umas às outras sem querer. Por ser ali dentro um incômodo em forma de mente pensante que reivindicava, dentre as coisas mínimas, o cumprimento da LEP [Lei de Execução Penal] e lutava para que questões básicas fossem garantidas, houve uma situação de transferência, um bonde aparentemente sem motivo. O motivo descobriria depois, quando chegasse lá. Nesse bonde, junto de 48 mulheres já sentenciadas, todas mulheres de poder, que eram linha de frente nos lugares em que cumpriam suas penas, fui levada ao CDP [Centro de Detenção Provisória] de Franco da Rocha. O motivo: um golpe do Estado armado com fim de regredir propositalmente essas figuras que, aos olhos do Estado, poderiam ser ainda mais perigosas caso não estivessem muito bem vigiadas. Além de privadas de suas liberdades, já cumprindo suas penas, o que recebemos foi outra pena: tortura psicológica por perseguição pessoal, pelo simples fato de todas serem mulheres de voz, e que estariam ali pra o que desse e viesse onde estivessem. A tranca, o castigo, havia sido proibida nas penitenciárias femininas, de modo que o castigo que podiam dar era somente esse, levando de bonde quem ousava levantar sua voz contra o sistema.

me diga quem puder  
qual a estrada que leva a este ser  
qual manual que pode conter  
o segredo para entender essa louca criatura  
chamada mulher

2010, ano turbulento, a volta dos dias cinzas novamente, ano de perdas e ganhos. Acabo me vendo sem minha maior orientação, perdendo minha mãe enquanto estava lá dentro. Por outro lado, conquistando minha liberdade em 5 de Novembro de 2010 e, apesar de estar de volta, junto da minha família, encontrei fora as coisas muito diferentes do que tinha deixado para trás ao ser levada. Encontrei minha família passando por dificuldades que até então me tentavam esconder enquanto eu cumpria a pena. Mais uma vez o choque do trânsito de realidades me coloca em um lugar de busca por conexão interior, só que dessa vez em forma de isolamento e silenciamento em mim mesma. A prisão não acabou com o passar pro lado de fora dos muros, na verdade o cárcere aprisiona aquele que cumpre a pena e também aqueles que a vivenciam indiretamente - principalmente os familiares - como algo que ficará eternamente marcado em suas histórias. Nesse novo cenário aqui fora, precisando ter força para também estar com os meus, me perguntava: como ser luz nas trevas, ter potência para também iluminar aquilo que me cerca, iluminar os meus? E mais que isso, como seguir em constante processo, encontrar peças, me reencontrar e restaurar conexões perdidas? Eu estava fora, mas minha irmã continuava lá dentro. No último domingo de visita de 2010, dia seguido ao Natal e, como inesperado presente, a última situação em que consegui visitá-la. Senti novamente o turbilhão de emoções que só o medo e o pânico da possibilidade de estar novamente ali, privada de direitos, de humanidade e principalmente, de liberdade, pode proporcionar. Uma abordagem repentina onde não me deixaram ir embora normalmente no momento de término de mais uma visita, que tinha tudo pra ser comum, me inquietou, me perturbou, me fez ter a certeza de que eu não queria mais estar ali. Me causou um efeito intenso de que eu não poderia mais, nem mesmo que quisesse, dar continuidade a esse silenciamento próprio. Precisava falar, precisava chegar com certas verdades e minha própria história a outros lugares e pessoas, valorizando a aflição do antes, do hoje e crescendo para o bem.

promessa no olhar  
lucidez e loucura  
feitigo e prazer  
acidez e doçura  
criadora e criatura  
inexplicável  
mulher